

Instituto de Geografia de Paris

Organização, Posição e Tendência no Quadro da
Geografia Francesa. (*)

Por Raymond Pébayle

Agregado de Universidade. — Professor em missão, destacado para a Faculdade de Filosofia de Pôrto Alegre, R. G. S.

Ao fim de quase um século de existência o Instituto de Geografia de Paris guardou um dinamismo tal que nos pareceu interessante experimentar situá-lo exatamente no quadro da geografia francesa sob o tríplice ponto de vista de sua organização, posição e tendências. Tentativa bem pretenciosa, na verdade, se se considera que Paris foi o berço da geografia francesa e que por isto é difícil marcar o ponto atual de sua situação sem evocar os prestigiosos nomes de Vidal de la Blache e Emmanuel de Martonne; mas experiência que é preciso tentar quando menos por nos permitir medir ao mesmo tempo o quanto a geografia é uma disciplina que, conservando um inegável senso de continuidade, exige um perpétuo esforço de renovação além de mostrar o quanto, em comparação, foram meritórios e frutuosos os esforços da jovem, porém tão dinâmica escola brasileira, a qual em poucas décadas colocou-se no primeiro plano da geografia mundial.

É difícil, verdadeiramente, falar em etapas da evolução da geografia parisiense, tanto cada período que poderia ser individualizado contém em si o germen do período seguinte. Entretanto, antes e após o período de 1930-35, é possível se notar diferenças sensíveis na organização e as tendências dos geógrafos parisienses.

Antes de 1935 a geografia parisiense e a francesa em geral, encontrava-se no estado de tomada de consciência de si mesma. Tomada de consciência difícil onde tudo devia ser criado porquanto a própria ciência geográfica não era

reconhecida como uma realidade antes de Vidal de la Blache; ela estava com efeito esquartejada entre ciências diversas e diferentes estabelecimentos universitários. Seu ensino era dado nas escolas secundárias, tanto por professores de letras quanto por professores de ciências. Portanto, a multiplicação das descrições geográficas regionais, as cuidadosas observações de viajantes curiosos iam constituir um «dossier» de conhecimentos tão completos que se impunha a necessidade de instalar, no coração da universidade francesa, uma disciplina capaz de realizar a síntese de obras tão diversas.

Por isso, foi preciso o trabalho e a vontade de Vidal de la Blache e de seus alunos para que a geografia se impusesse à Faculdade de Letras e que, evitando o escolho do encanto das ciências demasiado especializadas, se fixasse o objetivo da Geografia: conhecer a terra, tomar consciência do contato íntimo que une o homem aos elementos naturais. A princípio inteiramente descritiva e humana, a geografia ia tornar-se explicativa e física com Emmanuel de Martonne que fixou as regras da geomorfologia. A escola parisiense ia então trabalhar com estreita solidariedade e construir, com a ajuda de muitos professores de Faculdades de província, o seu primeiro monumento: A «Geografia Universal», coleção dirigida por Vidal de la Blache, que, em cerca de 20 anos cobriria o mundo inteiro. Como se enganam aqueles que consideram esta grande obra como superada e inútil para o futuro! A descrição geográfica, atraente e precisa, nela se encontra com efeito muito afortunadamente completada de explicações nas quais a simplicidade não é uma ilusão, porquanto em realidade não faz senão traduzir em termos fáceis os dados científicos que os autores, consci-

(*) Traduzido por Maria Fagundes de Souza Docca Pacheco.

entes do vasto domínio que abordavam, souberam adquirir. A leitura da Geografia Universal é certamente muito longa, mas extremamente instrutiva porque mostra o quanto a geografia parisiense soube evoluir sem jamais perder de vista seu objetivo essencial: a síntese. Trata-se muito bem, pois, de um monumento, mas de um monumento que se quiz ao gosto do dia a ponto de se não hesitar, no decorrer dos últimos anos de seu aparecimento, em refundir até as bases para conjurar a fragilidade do pedestal «davisien».

Paralelamente, estava na época da fixação dinâmica das fronteiras entre geografia regional e geografia geral. A descrição local e a sistematização dos conhecimentos, a despeito das árduas tentativas de síntese que têm, desde o começo suscitado o ceticismo de alguns, deviam ir a par e sustentarem-se mutuamente. Tem-se por muito tempo considerado a geografia parisiense como uma geografia essencialmente regional. É verdade que ela o foi por um momento pela força das circunstâncias, logo que tomou consciência da necessidade de estabelecer bases sólidas à geografia. Estava, então, na época do trabalho um pouco ingrato da pesquisa regional, da compilação de obras bem variadas, mas o objetivo exato a alcançar estava perfeitamente consciente: o de chegar à idéia geral. Foi com este intuito que a geografia não cessou de alargar seus campos de pesquisas. Por fim, encontravam-se geógrafos parisienses em todos os continentes. Assim, De Martonne veio a São Paulo onde foi recebido por um jovem geógrafo entusiasta: Pierre Monbeig. Ambos deviam aí fazer um apreciável trabalho, ambos honram duas gerações de geógrafos parisienses.

Este era o andamento exato. Devia ser um ensinamento para a nova geração, a qual uma terrível prova esperava: a Segunda Guerra Mundial, que arrasou a Europa. Esta grande comoção devia ter conseqüências as mais imprevisíveis em nossa disciplina. Primeiramente, o alargamento de conhecimentos interessando a geografia, visto que domínios por muito tempo ignorados, ou pelo menos abordados superficialmente, abriam-se à pesquisa; a climatologia, no domínio da geografia física é um deles. Novas estruturas econômicas apareciam; relações mais íntimas estabeleciam-se entre os continentes, preludiando vastos câmbios de visões. Mas, ao mesmo tempo, este alargamento brusco do domínio da geografia ia acarretar uma verdadeira crise que todos nós sentimos: a atração de ciências muito especializadas que, estudadas por si mesmas, não podiam se integrar em nossa disciplina. Esta especialização, a rigor, ia de par com uma atitude de desprezo para com as velhas ge-

rações. O perigo foi contudo conjurado graças a atitude decidida da maior parte dos professores de Faculdade e também pela obrigação moral de passar à Agregação, antes de abordar as pesquisas. A incompreensão do jovem e infeliz candidato à agregação era imensa logo que recebendo a crítica de suas exposições, se via exprobar, por exemplo, de haver tratado uma região da França, sem ter lido antes o «Tableau de la Geographie de France» de Vidal de la Blache aparecido na «Introduction à L'histoire de France» d' Ernest Lavisse. Depois ele aprendia a apreciar estas velhas obras que dão uma definição sã e sempre valiosa da verdadeira geografia.

Assim, graças sobretudo ao Instituto de Geografia de Paris, encontra-se atualmente plenamente definido o conceito da geografia francesa. A última obra do Prof. Birot «Précis de Geographie Physique Generale» começa por esta curta, mas quã significativa, definição: «A geografia física é o estudo da epiderme de um ser único: a Terra». O Prof. Birot prova assim que se pode perfeitamente tratar dos ramos adjacentes da geografia sem esquecer portanto seu verdadeiro objetivo: a síntese dinâmica. Todavia, estes resultados não poderiam ter sido obtidos sem profundas modificações de estrutura na organização do Instituto de Geografia sob o duplo ponto de vista do ensino e da pesquisa.

No domínio do ensino o Instituto, se bem que seja geograficamente separado da Sorbonne, dela faz parte administrativamente. Quando muito pode-se dizer que ele goza de uma certa autonomia, porém não de uma total independência. De fato, a grande superioridade do Instituto de Paris no quadro francês reside na maior parte nos meios de que dispõe. O efetivo dos professores é já eloquente porquanto o Instituto é o único na França a possuir 17 cadeiras de ensino das quais nove de professores e de Mestres de Conferências. Das faculdades de províncias as melhores providas, depois de Paris, são Lyon e Bordeaux cada uma com 5 cadeiras, das quais duas para os assistentes. A esta superioridade numérica é preciso acrescentar a qualidade do recrutamento. Isto explica-se facilmente se se leva em conta que para a maior parte dos professores, uma nomeação para a Sorbonne é uma promoção, além de lhes permitir dispor de uma documentação e de um material desconhecido na província. Atualmente, os professores são os seguintes: o Diretor é o Prof. J. Dresch que sucedeu ao Prof. Chabot e é conhecido como um morfólogo especialista das regiões áridas; mas, é ao mesmo tempo autor de uma quantidade de publicações nos mais diferentes domí-

nios da geografia. Para a geografia humana, observa-se que os professores afora a especialidade que estão sujeitos a manter, têm já feito experiências nos outros domínios da geografia: assim o Prof. Pierre Georges é especialista de geografia econômica, si bem que tenha feito uma tese de geomorfologia sobre o Médio Mediterrâneo. O Prof. Perpillou, também fez uma tese de geomorfologia sobre o Limousin antes de se especializar em geografia humana. Unicamente o Prof. Le Lannou, recentemente promovido para a Sorbonne é especialista deste último ramo da geografia e fez uma tese sobre a Sardenha.

A geografia física, afora o Prof. Dresch, é ensinada pelos Professores Birot e Guilcher, ocupando este último a cadeira de hidrologia. A geografia regional está representada pelo Prof. Robequain para os países intertropicais, Prof. Despois para a África do Norte. A Professora Beaujeu-Garnier, admitida na Sorbonne em 1960, é ao mesmo tempo autora de uma tese de geomorfologia sobre o Morvan, especialista da Europa de Noroeste e da geografia da população. Enfim, muito recentemente o Prof. Pierre Mombeig, tomou acento entre esta equipe de professores de elite.

Além deste efetivo numeroso e de qualidade o Instituto de Geografia de Paris é o único na França a dispôr de um material adequado, pois que possui um laboratório completo de geomorfologia, uma sala de cartas constantemente modernizadas, na qual nota-se a presença de cartas topográficas da Argentina e do Chile, uma biblioteca de mais de 10.000 livros de geografia, compreendendo além disso todas as revistas que interessam de perto ou de longe nossa disciplina; uma fototeca contendo não somente os dispositivos indispensáveis ao ensino, mas também — desde pouco tempo, é verdade — fotografias aéreas cuja interpretação foram confiadas ao Prof. Ruellan, que é ao mesmo tempo professor em Rennes e encarregado de curso em Paris. Um andar inteiro está reservado à cartografia. Enfim, para suavizar a dificuldade das línguas estrangeiras, existe, desde alguns anos, um centro de tradução.

Todavia, este ensino teórico seria pouco proveitoso se não se apoiasse em freqüentes estudos sobre o terreno. Com este objetivo são regularmente organizadas excursões em função das exigências dos programas escolares e diferentes categorias de estudantes. Para os estudantes de licença são organizadas, pelo menos, uma excursão cada quinzena; abarca geralmente uma região francesa e é conduzida por um assistente ou um professor especialista da mesma região. Concebidas com finalidade didática estas saídas para

o campo podem ter resultados interessantes: foi assim que de Martonne e Cholley conseguiram, com grupos de estudantes, levantar um bom número de acidentes no centro da Bacia Parisiense por muito tempo votada a tranquilidade tectônica. Para os candidatos aos diferentes concursos, excursões menos numerosas porém mais importantes, têm por finalidade conhecer melhor uma região do programa: em 1960, por exemplo, foi a Alemanha de Leste com o Prof. Pierre Georges; em 1959, era a Espanha com o Prof. Birot. Enfim, todos os anos é organizada uma excursão dita «interuniversitária» agrupando professores da Sorbonne e de províncias; para esta saída a prioridade é dada aos candidatos à Agregação e aos melhores elementos de Licença de todas as Faculdades de França. Isso torna-se em seguida o objeto de um estafante relatório nos Anais de Geografia e contribue assim a tornar melhor conhecida uma região pouco estudada da França.

Nestas condições, não se admira que o ensino de geografia seja de excelente fatura no Instituto de Paris. Para a estrutura deste ensino, reter-se-á somente o que é característico da escola parisiense (pois que a organização do ensino superior da Geografia em França é feita pelo Ministério de Educação Nacional, de acordo com os professores e é o mesmo em todas as Faculdades). Considera-se de início a posse de quatro certificados para a licença de geografia: dois sobre história, dois sobre geografia; assim continua a velha idéia de uma geografia associada à história, não somente porque sejam destinados a ensinar estas duas matérias nos liceus, mas também porque se julga que a cultura histórica seja indispensável para compreender os fatos de geografia, mesmo física (levando em conta, a este respeito, a recentíssima noção de erosão antropogênica). Os próprios dois certificados de geografia compõem-se um de geografia geral, com um seriíssimo exame de cartas, o outro de geografia regional. Aí ainda, observa-se a cuidadosa medida da escola parisiense de evitar aos iniciantes o escolho de uma prematura sistematização.

Entre os concursos que se fazem depois da Licença e que são nacionais, o Certificado de Aptidão ao Professorado de Ensino Secundário é o menos difícil, o que não significa absolutamente que seja fácil. É mais especialmente destinado aos estudantes desejosos de ser e de continuar como professor de liceu. As provas escritas versam sobre um assunto de história e um assunto de geografia obrigatórias, com duração de quatro horas cada uma. É interessante notar-se que a prova de geografia leva um cro-

quis obrigatório. As provas orais fazem-se em Paris mesmo e constam de um único exame, de geografia ou de história, a escolha do candidato que pode optar antes da apresentação das provas. O número dos candidatos admitidos é sempre restrito e raramente sobrepassa a centena.

O segundo concurso é a Agregação que foi instituído para formar professores de liceu de grandes classes e futuros pesquisadores. Por isso, é mais especializado: sobre oito provas que comporta a Agregação de Geografia, duas somente são reservadas à História. As provas compõem-se do seguinte modo:

- Provas escritas: Uma prova de Geografia física geral. Duração: 7 horas.
- Uma prova de Geografia Regional: 7 horas.
- Uma prova de Geografia Humana: 7 horas.
- Uma prova de História: 7 horas.

Cada uma destas provas versa sobre um programa bem definido, que muda todos os anos.

— Provas orais: Dividem-se em duas séries de provas orais, seguida cada uma, tal como a escrita, de uma eliminação.

A primeira série compõe-se de duas provas preparadas cada uma em seis horas e devendo o tema ser exposto dentro de 45 minutos diante dos membros de dois juris em número de quatro cada um. A primeira prova comporta uma exposição de geografia regional inserta no programa; a exposição deve obrigatoriamente ser acompanhada de um croquis. A segunda versa sobre uma explicação de cartas topográfica e geológica; preparada em 3 horas tendo como objeto uma exposição de trinta minutos seguidos de 15 terríveis minutos de interrogatório pelos membros do juri.

A segunda prova oral compõe-se inicialmente de uma exposição de quarenta minutos sobre um tema qualquer de geografia geral escolhida fora do programa. Sua preparação dura seis horas. É esta precisamente a mais dura prova, posto que necessita de conhecimentos bibliográficos e geográficos gerais. A segunda prova e última do concurso, comporta uma exposição de história constante do programa. Uma e outra passa-se diante do juri completa, sejam oito membros, dos quais dois de história.

As provas iniciam cerca de 20 de Maio e finalizam cerca de 20 de Julho. Atualmente sobre uma média de 200 candidatos inscritos, cerca de 60 são admitidos à escrita, 35 a primeira oral e para finalizar 20 a 25 candidatos são proclamados admitidos para o conjunto do território metropolitano e da Comunidade.

Trata-se então de concursos nacionais, mas é importante insistir sobre o papel do Instituto de Geografia de Paris não somente em sua organização para as provas orais, mas também pelo número de seus professores que fazem parte dos juris.

Assim, no domínio do ensino, é inegável que o Instituto de geografia parisiense é muito superior aos diversos departamentos de geografia das Faculdades de província, ainda que estas possuam professores de primeiro plano, mas onde o número é infelizmente limitado pelo reduzido número de cátedras: Clermonte Ferrant, com Mr. Derruau; Grenoble, feudo de Mr. R. Blanchard; Bordeaux com Papy e Enjalbert; Estrasburgo com estes geógrafos bem conhecidos no Brasil: Professores Rochefort e Tricart; Rennes também, especialmente, com o Prof. Ruellan, são daquele gênero.

Mas, formado assim, por uma série de sucessivas eliminações, o quadro dos jovens pesquisadores parisienses beneficia-se pelo menos, com auxílio eficaz por parte do Instituto durante os numerosos anos necessários à elaboração de uma tese?

Do ponto de vista estritamente intelectual, as idéias, as orientações, o entusiasmo estão certamente presentes. Graças a criação de novas cátedras que lhes permitem uma especialização mais completa após vários anos de ensino em muitos ramos da geografia nas províncias, os professores do Instituto que guiam os pesquisadores, podem se pôr constantemente ao corrente das publicações tanto francesas quanto estrangeiras.

Assim, integram eles perfeitamente as novas tendências da geografia às tradições do Instituto.

Desde vários anos, uma série de publicações nos domínios da climatologia, da hidrologia, da biogeografia e da pedologia ilustram perfeitamente este alargamento dos conhecimentos. Como na América do Norte ou na URSS, a necessidade dos conhecimentos científicos manifestam-se e se assiste atualmente a uma evolução progressiva mas muito clara para uma racionalização dos conhecimentos, sem todavia, cair na «matematização» pura. Este último perigo pode ser conjurado facilmente por um simples auxílio do ponto de vista muito sensato dos geógrafos da primeira geração, segundo os quais um bom estudo geográfico não deve jamais esquecer as noções fundamentais de localização, de paisagem e de evolução. De outro lado, a velha tradição regionalista mantém-se, posto que, supõe-se com justo título, que toda generalização que não se

apoie sôbre um bom número de exemplos locais é sem valor.

Assim, o jovem pesquisador fica assegurado de encontrar um Mestre de tese que lhe orientará utilmente, evitando todo desvio. Além disto, um projeto desde muito tempo meditado foi solucionado há alguns anos sômente: O terceiro ciclo, criado especialmente para os pesquisadores os quais podem assim se beneficiar de uma formação complementar indispensável. O futuro pedólogo tropical seguirá as conferências de Rougerie, o climatologista, as de P. Pedelaborde, o geomorfologista, as de Birot ou de Dresch... Assim acha-se evitada a tentativa penosa e muitas vêzes perigosa, que consiste em consultar trabalhos muito especializados para em seguida fazer dêles um uso realmente geográfico. Aliás, também nas províncias existem conferências de terceiro ciclo; as do especialista strasbourguense do périglaciário, o Prof. Tricart, não são as menos apreciadas. Enfim, bolsas de estudo existem que permitem sustentar materialmente o pesquisador do Terceiro ciclo que não é agregado e por isso, não se beneficia de uma situação sólida no quadro do ensino secundário na França.

O Instituto de Geografia de Paris beneficia-se, em último lugar, de estabelecimentos mais ou menos próximos dêle, o que explica que frequentemente, o pesquisador considera a vinda a Paris como uma necessidade. Entre estas grandes vantagens, citemos sômente o Centro Nacional de Pesquisa Científica que assegura tôdas as condições requeridas a 27 geógrafos pesquisadores assaz avançados e de reconhecido valor pelas autoridades na matéria. Além disso é assegurado, a maior parte dos futuros doutores o recebimento de ajuda financeira mais ou menos direta do C. N. R. S. no momento mais ingrato

do trabalho — o da publicação.

Tudo isto, entretanto, é ainda bem insuficiente e é lamentável que muitos pesquisadores sejam ainda «handicaps» financeiramente ao ponto de não poderem dar sua plena medida. Este é um aspecto bem geral, mas não de se negligenciar.

Um outro aspecto lamentável, um tanto diferente, é o reduzido lugar reservado aos geógrafos no domínio da geografia aplicada. Este mal foi felizmente bem notado porquanto, lá ainda sob o impulso do Instituto de Paris, foi criado o diploma de perito-geógrafo para o qual o grau de licenciado em geografia é necessário. Mas, além de cartógrafos, quais são as saídas dêstes futuros peritos? É preciso dizê-lo bem, são restritas às atuais. De fato, tôda uma educação resta a fazer para mostrar que um geógrafo não é um intelectual esclerosado, mas um homem que, consultado, pode, perfeitamente bem, fazer bom trabalho porque precisamente, habituado a investigar domínios bem diversos e a observar, pode dar indicações que estreitos especialistas um tanto cansados para a prática da síntese, não o querem. Entretanto, a iniciativa dêste diploma não é para desdenhar e é bem possível que constitua para o futuro uma promessa.

Dêsse modo, vê-se o quanto o velho imóvel do Instituto de Geografia de Paris da rua Saint Jacques continua a abrigar dinamismo e confiança no futuro. Muito breve seus ocupantes deixa-lo-ão para se instalar em nôvo edifício no subúrbio parisiense, em Sceaux. Na véspera desta mudança, temos de lhe render homenagem pela qualidade de seu trabalho desinteressado e de seu cuidado de sustentar a ortodóxia da geografia num mundo de técnicos e de especialistas.

(continuação da pág. 62)

Carta geomorfológica — É a que representa as formas do relêvo terrestre e sua estrutura.

Carta de vegetação — É a que representa as características e a distribuição geográfica da cobertura vegetal.

CÔRES

Coloridos das cartas impressas — As fôlhas topográficas podem ser impressas em preto sômente ou em côres.

Preto — Planimetria, de um modo geral (exceto hidrografia), a nomenclatura, ferrovia, pontos planimétricos e altimétricos com suas altitudes.

Azul da Prússia — Hidrografia. Traçado das margens, em geral, representação das nascentes, poços, cisternas, bicas, encanamentos, e terrenos encharcados.

(continua na pág. 73)

(continuação da pág. 72)

Vermelho — Rodovias principais (até as de 3.ª classe, inclusive).

Sépia — Curvas de nível, com suas respectivas altitudes.

Tons complementares em aguada retícula

Rosa — Quarteirões habitados.

Azul cobalto — Superfície d'água em geral.

Verde — Em gradação simples: bosque, parques, macegas, mangues. Em gradação dupla: floresta, matas cerradas.

CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS — DEFINIÇÕES DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS

OBJETIVO DA NORMA — A Norma fixa as condições gerais que devem ser observadas nas representações cartográficas usuais dos aspectos naturais e humanas da terra.

REPRODUÇÃO CARTOGRÁFICA — é a multiplicação do original cartográfico, mediante copiagem apropriada por processos fotoquímicos e mecânicos de impressão.

EDIÇÃO — é a publicação do conjunto dos exemplares impressos de uma carta, a partir de um mesmo original cartográfico.

REIMPRESSÃO — é a nova tiragem inalterada de uma edição.

EDIÇÃO REVISTA — é a reprodução melhorada de uma edição, em cujos originais foram introduzidas pequenas correções que não justificam uma nova edição.

NOVA EDIÇÃO — é a reprodução publicada de um original cartográfico em que foram introduzidas grandes correções que tornam obsoletas a edição anterior.

1. Uma nova edição cancela a edição anterior.
2. As cartas devem indicar a data e n.º de ordem da edição.